

Índice

A sociedade positiva	11
A sociedade da exposição	21
A sociedade da evidência	29
A sociedade porno	37
A sociedade da aceleração	47
A sociedade íntima	53
A sociedade da informação	57
A sociedade da revelação	63
A sociedade do controlo	67

A SOCIEDADE POSITIVA

Nenhum outro tema, no discurso público, é hoje tão dominante como o da transparência. Esta é objeto de uma reivindicação efusiva, associada antes do mais à liberdade de informação. A exigência omnipresente de transparência, que cresce até a tornar um fetiche ao mesmo tempo que a totaliza, remonta a uma mudança de paradigma que não pode ser reduzida ao âmbito da política e da economia. Hoje, a sociedade da negatividade é substituída por uma sociedade em que a negatividade é cada vez mais desarticulada em benefício da positividade. Deste modo, a sociedade da transparência manifesta-se, em primeiro lugar, como uma *sociedade positiva*.

As coisas tornam-se transparentes quando abandonam toda a negatividade, quando se *alisam* e *aplanam*, quando se inserem sem resistência na corrente lisa do capital, da comunicação e da informação. As ações tornam-se transparentes quando se tornam *operacionais*, submetendo-se aos processos do cálculo, da direção e do controlo. O tempo torna-se transparente ao nivelar-se como a sucessão de um presente disponível. E também o futuro se positiviza como presente otimizado. O tempo transparente é um tempo destituído de todo o destino e de todo o acontecimento. As imagens

tornam-se transparentes quando, desembaraçadas de toda a dramaturgia, coreografia e cenografia, de toda a profundidade hermenêutica, de todo o sentido, se tornam pornográficas. A pornografia é o *contacto* imediato entre a imagem e o olho. As coisas tornam-se transparentes quando se despojam da sua singularidade e se exprimem completamente na dimensão do preço. O dinheiro, que torna tudo totalmente *comparável*, suprime todo o traço de incomensurável, toda a singularidade das coisas. A sociedade da transparência é um *inferno do igual*.

Os que referem a transparência somente à corrupção e à liberdade de informação desconhecem a sua envergadura. A transparência é uma coação sistémica que se apodera de todos os factos sociais e os submete a uma transformação profunda. O sistema social submete hoje todos os seus processos a uma coação de transparência que visa torná-los operacionais e acelerá-los. A pressão da aceleração acompanha a desarticulação da negatividade. A comunicação atinge a sua velocidade máxima onde o igual responde ao igual, quando tem lugar uma *reação em cadeia do igual*. A negatividade do *outro e do estranho*, ou a resistência do *outro*, perturba e atrasa a comunicação lisa do igual. A transparência estabiliza e acelera o sistema através da eliminação do outro ou do estranho. Esta coação sistémica torna a sociedade da transparência uma sociedade uniformizada. Eis no que consiste o seu traço totalitário: “Uma nova palavra para a uniformização: transparência.”¹

A linguagem transparente é uma língua formal, puramente maquinal, operacional, destituída de qualquer ambivalência. Já Humboldt assinala a ausência fundamental de transparência inerente a qualquer língua humana: “Não há duas pessoas que pensem exatamente a mesma coisa ao escutar uma pala-

¹ Estas palavras constam de uma nota do diário de Ulrich Schacht, datada de 23 de junho de 2011. Cf. U. Schacht, *Über Schnee und Geschichte*, Berlim, 2012.

vra, e esta diferença, por pequena que seja, estende-se, como as ondas na água, a todo o conjunto da língua. [...] Por isso, toda a compreensão é ao mesmo tempo uma incompreensão; toda a coincidência de ideias ou sentimentos, uma simultânea divergência.”² Um mundo que constasse apenas de informações, a cuja circulação não perturbada se chamaria comunicação, seria igual a uma máquina. A sociedade positiva encontra-se dominada pela “transparência e a obscenidade da informação num universo desacontecimentalizado”³. A coação da transparência nivela o próprio homem até acabar por torná-lo elemento funcional de um sistema. Tal é a violência da transparência.

A alma humana tem necessidade, sem dúvida, de esferas nas quais possa estar *em si mesma* sem o olhar do outro. Há uma impermeabilidade que lhe é inerente. Uma iluminação total queimá-la-ia e seria causa de uma forma especial de *síndrome psíquica de Burnout*. Só a máquina é transparente. A espontaneidade, o que é do registo de um acontecer e a liberdade, traços que constituem a vida em geral, nada comportam de transparência. Reportando-se ainda à linguagem, Wilhelm von Humboldt escreve: “Pode abrir caminho no homem alguma coisa cujo fundamento nenhuma inteligência poderia descobrir nas circunstâncias anteriores; [...] e seria atentar contra a verdade histórica da sua origem e das suas transformações quereremos desterrar dele a possibilidade destes fenómenos inexplicáveis.”⁴

A ideologia da *Post-Privacy* é igualmente ingénuo. Exige, em nome da transparência, um abandono total da esfera privada com o propósito de alcançar uma comunicação transparente. Assenta em vários erros de base. O homem *nem sequer*

2 Wilhelm von Humboldt, *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluß auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*, Berlin, 1836, p. 64.

3 Jean Baudrillard, *Les stratégies fatales*, Paris, Grasset et Fasquelle, 1983, p. 20.

4 Humboldt, *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues*, *op. cit.*, p. 65.

para si mesmo é transparente. Segundo Freud, o eu nega precisamente aquilo que o inconsciente afirma e deseja sem limites. O “isso” mantém-se em grande medida oculto ao eu. Há, pois, uma *cisão* que atravessa a alma humana, e não permite que o eu esteja de acordo consigo mesmo. Esta cisão fundamental torna impossível a transparência própria. E também entre as pessoas se entreabre uma fissura. É impossível a instauração da transparência interpessoal. Que não é sequer desejável. É precisamente a falta de transparência do outro que mantém a relação viva. Georg Simmel escreve: “O facto de um conhecimento absoluto, de uma exaustão psicológica, basta para nos desencantar, ainda que na ausência de um entusiasmo anterior, paralisa a vitalidade das relações [...]. A profundidade fértil das relações, que, para lá da última revelação, pressente e respeita ainda outro extremo mais último, é o prémio dessa ternura e desse domínio de si mesmo que, até na relação mais estreita, abarcando o homem inteiro, continua a respeitar a propriedade privada, que limita o direito a perguntar devido ao direito ao segredo.”⁵ À imposição da transparência falta precisamente esta “ternura”, que não é mais do que o respeito de uma *alteridade* que não pode ser por completo eliminada. Contra o afã de transparência que se apodera da sociedade atual, seria necessário exercitarmo-nos na *atitude da distância*. A distância e a vergonha não podem integrar-se no ciclo acelerado do capital, da informação e da comunicação. Assim, em nome da transparência, todos os recessos da discrição são eliminados. São expostos à luz e explorados. E o mundo torna-se assim mais desavergonhado e mais nu.

A autonomia de cada um pressupõe também a liberdade de não compreender o que tem o outro. Sennett observa:

5 G. Simmel, *Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*, tomo 11, *Gesamtausgabe in 24 Bänden*, Frankfurt, 1992, p. 405.

“Mais do que como igualdade de compreensão, que é uma igualdade transparente, a autonomia significa aceitar no outro o que não compreendemos, que é uma igualdade opaca.”⁶ Por outro lado, uma relação transparente é uma *relação morta*, à qual falta toda a *atração*, toda a *vitalidade*. Só o que está morto é totalmente transparente. Um *novo espírito das luzes* seria reconhecer que há esferas positivas, produtivas da existência e da coexistência humanas, esferas que a imposição da transparência destrói integralmente. Assim, também Nietzsche escreve: “*O novo espírito das luzes*. [...] Não basta que vejas a ignorância na qual vivem o homem e o animal; deves ter também a vontade da ignorância e de aprender. Deves compreender que, sem essa espécie de ignorância, a própria vida seria impossível, que ela é uma condição graças à qual somente aquilo que vive prospera e se conserva.”⁷

Está demonstrado que mais informação não leva necessariamente a melhores decisões⁸. A *intuição*, por exemplo, vai para lá da informação disponível e segue a sua própria lógica. A faculdade superior de julgar tende hoje a atrofiar-se devido à massa pululante e crescente de informação. É frequente que um *menos* de saber e de informação produza um *mais*. A *negatividade* do deixar e do esquecer comporta, não raro, um efeito produtivo. A sociedade da transparência não permite *lacunas* de informação nem de *visão*. Mas tanto o pensamento como a inspiração requerem um vazio. O alemão aproxima a “lacuna” (*Lücke*) e a “sorte” (*Glück*)*. E uma sociedade que deixasse de admitir a negatividade de um vazio seria *uma sociedade sem sorte*. O amor sem lacuna na

6 R. Sennett, *Respect in a World of Inequality*, Penguin, 2003.

7 Friedrich Nietzsche, *Nachgelassene Fragmente Frühjahr-Herbst 1884, Kritische Gesamtausgabe* VII.2, Berlim, 1973, p. 226.

8 Cf. G. Gigerenzer, *Bauchentscheidungen. Die Intelligenz des Unbewussten und die Macht der Intuition*, Munique, Bertelsmann, 2007.

* Com efeito, o segundo termo remete etimologicamente para o primeiro (*N. T.*).

visão é pornografia. E sem lacuna no saber, o pensamento degenera e torna-se cálculo.

A sociedade positiva exclui tanto a dialética como a hermenêutica. A primeira assenta na negatividade. Assim, o “espírito” de Hegel não se afasta do negativo, mas suporta-o e conserva-se nele. A negatividade alimenta a “vida do espírito”. O *outro no mesmo*, que engendra uma *tensão negativa*, mantém vivo o espírito. Este torna-se “poder”, segundo Hegel, “quando olha o negativo no rosto, quando nele se demora”⁹. Este demorar-se é “a força mágica que o muda em ser”. Em contrapartida, é privado de espírito quem se limita a fazer *zapping* através do positivo. O espírito é *lento* porque se demora no negativo e o trabalha para si. O sistema da transparência suprime toda a negatividade em busca da aceleração. A demora no negativo abandona a *corrida louca através do positivo*.

A sociedade positiva não admite do mesmo modo qualquer sentimento negativo. Esquece-se de enfrentar o sofrimento e a dor, de lhes dar *forma*. Segundo Nietzsche, a alma humana agradece a sua profundidade, a sua grandeza e a sua força precisamente à demora no negativo. Também o espírito humano é um *nascimento com dor*: “Essa tensão da alma na infelicidade, que é a tensão que inculca à alma a sua fortaleza [...], o seu engenho inventivo e a sua coragem ao suportar, reiterar, interpretar, aproveitar a desgraça, bem como todos o mistério, profundidade, máscara, espírito, argúcia, grandeza que foram dados à alma — não lhe foram dados no sofrimento, sob a disciplina do grande sofrimento?”¹⁰ A sociedade positiva ocupa-se de organizar de modo totalmente novo a alma humana. No decorrer dessa sua positivização, também o amor se aplaina, tornando-se uma combinação de

9 G. W. F. Hegel, *Phänomenologie des Geistes*, Hamburgo, 1952, p. 30.

10 F. Nietzsche, *Jenseits von Gut und Böse, Kritische Gesamtausgabe*, VI.2, Berlin, 1968, p. 167.